

# Dinheiro e dinheiro fictício em Marx

Adriano Lopes Almeida Teixeira<sup>1</sup>

Paulo Nakatani<sup>2</sup>

Artigo submetido às Sessões Ordinárias

Área 3: ECONOMIA POLÍTICA, CAPITALISMO E SOCIALISMO

**Resumo:** O presente artigo procura fazer uma breve reconstituição do evoluir da categoria dinheiro em Marx, por uma perspectiva que resguarde o tratamento dialético dado por ele ao tema ao longo de suas obras, a fim de lançar luzes sobre algumas manifestações do dinheiro no capitalismo contemporâneo, sobretudo a partir da emergência da categoria dinheiro fictício, aqui pensada como um legítimo desdobramento categorial marxiano. O debate em torno da teoria do dinheiro de Marx, que há muito se defronta com o propalado caráter inacabado de *O Capital*, pode, com a categoria dinheiro fictício, encontrar uma via de escape em direção a uma melhor compreensão de fenômenos monetários e financeiros do capitalismo contemporâneo.

**Palavras-chave:** dinheiro, capital dinheiro, método dialético, dinheiro fictício.

## Abstract:

This paper seeks to make a brief reconstruction of the evolution of the money category, by a perspective that protects the dialectical treatment given by Marx to the theme throughout his works, in order to shed light on some manifestations of money in contemporary capitalism, particularly from the emergency of the fictitious money, here thought as a legitimate unfolding Marxian categorical. The debate on Marx's theory of money, that long faces the vaunted unfinished character of *Capital*, may, with the category fictitious money, find an escape route towards a better understanding of monetary and financial phenomena of the contemporary capitalism.

**Keywords:** money, capital money, dialectical method, fictitious money.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo.

## Introdução

Há muito se reconhecem as virtudes e as potencialidades da análise de Marx sobre as formas do valor, seja porque foi o que lhe permitiu se distanciar decisivamente da teoria clássica do valor-trabalho, seja por ser o pano de fundo de uma série de debates entre marxistas, tais como a materialidade do dinheiro, suas funções no capitalismo contemporâneo, dinheiro inconvertível etc., e, por fim, um desdobramento recente dessas discussões que culminou com a criação da categoria dinheiro fictício<sup>3</sup>.

É preciso entender o local e o momento da elaboração de Marx sobre as formas de desenvolvimento do valor. A sofisticação metodológica do tratamento dessa questão em *O Capital* é legatária das análises por ele feitas em obras anteriores. Com efeito, o dinheiro já era tema de seu interesse desde os *Cadernos de Paris*, de 1844, até os *Cadernos de Londres*, escritos entre 1850-53, culminando com o primeiro capítulo dos *Grundrisse*, intitulado Capítulo do dinheiro.

A evolução do pensamento de Marx sobre o dinheiro, portanto, está longe de ser um processo linear. Ao mesmo tempo que ele ampliava seu conhecimento teórico sobre o dinheiro através do estudo das obras dos principais autores da economia política de sua época, ele refinava seu entendimento sobre o método científico capaz de operar as categorias apresentadas pelos representantes daquela nova ciência.

Herdeiro de Hegel, Marx não tem uma perspectiva *a priori* do objeto, pois entende que o ser só pode ser compreendido no seu movimento. O método é instrumento de exposição do movimento do ser, no âmbito de uma crítica do conteúdo que é, ao mesmo tempo, uma crítica da forma.

Por essa perspectiva entende-se que, se o real não é resultado do pensamento, e nem algo ao qual o pensamento se subordina para captá-lo na forma como aparece, é a partir da realidade sensível que o pesquisador deve iniciar sua busca pelo conhecimento. O teórico precisa confrontar-se com o próprio objeto, para descobrir nele, em seu movimento, as determinações que permitirão, num momento seguinte, a exposição da lógica interna do objeto. Esta foi a perspectiva metodológica adotada por Marx, que fez distinção entre método de investigação e método de exposição. Sendo assim, a questão de como o pesquisador se posiciona ante o objeto é fundamental, pois nem o seu pensamento por si só é capaz de reconstruir o real, nem o real é algo já construído do qual o pesquisador passivamente se apropria.

---

<sup>3</sup> O primeiro autor marxista a utilizar essa denominação no Brasil, segundo conhecemos, foi Eleutério Prado (2013 e 2016).

Nesse sentido, talvez seja possível dizer que uma série de polêmicas em torno da exposição de Marx sobre as formas do valor no primeiro capítulo de *O Capital* pudessem ter sido evitadas, ou amainadas, se fosse trazido à luz o tratamento teórico-metodológico do dinheiro nas obras que precederam *O Capital*. A discussão, por exemplo, em torno do caráter lógico e/ou histórico daquela seção ficaria menos turva ante a percepção de que Marx não escrevia sobre o dinheiro sem antes prospectar informações empíricas de todas as ordens, tendo consultado inúmeras edições da revista *The Economist* e da *The Money Market Review*, relatórios de agências oficiais, cadernos dos inspetores de fábrica, os *Blue Books* (cadernos azuis, publicados pelo Parlamento Britânico com informações sobre a história econômica e diplomática do país), além de relatórios bancários e sobre a bolsa de valores de Londres.

Como o objeto mais amplo de estudo de Marx era a sociedade burguesa, sua teoria sobre o modo de ser do capitalismo era também uma teoria sobre o modo como esse sistema se apresenta. É nesse contexto que sua teoria do dinheiro precisa estar inscrita, a saber, por uma recusa à tentativa de querer encontrar na obra de Marx uma teoria acabada sobre o dinheiro, que dê conta de explicar as mais profundas determinações daquela categoria para qualquer período histórico. A crítica de Marx à naturalização das categorias econômicas empreendida pelos economistas clássicos indica a apreensão de uma perspectiva que seja dialética.

De fato, na exposição sobre o dinheiro em *O Capital*, ele tanto é ponto de chegada (no desenvolvimento das formas do valor), quanto ponto de partida (na transição rumo ao advento do capital). E é nesse ponto que se deve situar a hesitação de Marx em publicar logo sua obra de Economia.

Tendo tantas vezes adiado a elaboração de sua obra magna, *O Capital*, Marx o faz em 1867 com uma ampla e didática exposição sobre o dinheiro ao longo dos três primeiros capítulos. Recusando-se a tomar a realidade como algo já acabado, os estudos de Marx sobre o dinheiro ultrapassam a publicação daquela obra. Ele, que já tinha vivido longos anos em Londres como jornalista estudando crises econômicas, vai até o resto dos seus dias tentando incorporar criticamente novas determinações para o seu universo categorial, a fim de possibilitar melhor interpretação sobre o funcionamento do capitalismo.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Discorrendo sobre as muitas versões de *O Capital* feitas pelo próprio Marx mesmo após a publicação do livro I em 1867, Krätke lembra de sua insatisfação quando em dezembro de 1881 ele escreve carta a Danielson, amigo e colaborador, dizendo: “Seria preciso retomar tudo, inteiramente.” Coerentemente, “Marx leva seu projeto de uma crítica da economia política de 1844 até sua morte.” (Krätke, 2005, p. 146-147). Nos últimos anos, um grupo de pesquisadores do CEDEPLAR tem estudado manuscritos não publicados de Marx, escritos após a publicação de *O Capital*, contendo notas sobre crises econômicas e questões monetárias e financeiras, como se pode ver em DE PAULA et al, 2011.

O presente artigo procura fazer uma breve reconstituição do evoluir da categoria dinheiro, por uma perspectiva que resguarde o tratamento dialético dado por Marx ao tema ao longo de suas obras, a fim de lançar luzes sobre algumas manifestações do dinheiro no capitalismo contemporâneo, sobretudo a partir emergência da categoria dinheiro fictício, aqui pensada como um legítimo desdobramento categorial marxiano. Para tal, a primeira seção tratará das primeiras formulações de Marx sobre o dinheiro desde os *Cadernos de Paris*, de 1844, até os *Cadernos de Londres*, de 1850-53. A segunda seção apresentará a discussão sobre o dinheiro nos *Grundrisse*. Na seção seguinte, far-se-á uma breve exposição sobre o dinheiro em *O Capital*, com foco na análise sobre as funções do dinheiro e suas contradições como pano de fundo para a emergência do dinheiro fictício. Na quarta seção, tecem-se comentários sobre o dinheiro no sistema de crédito contemporâneo. Por fim, as considerações finais

## **I - As primeiras formulações de Marx sobre o dinheiro: dos *Cadernos de Paris* aos *Cadernos de Londres***

Em carta a Franz Mehring, de 28 de setembro de 1892, Engels informa que Marx, apesar de ser hegeliano nos anos 1841-42, naquele período “...não sabia absolutamente nada de economia política...” (CW, 2001, p. 549-550).

Marx chega em Paris em outubro de 1843 visando à criação de um jornal, os *Anais Franco-Alemães*, em sociedade com seu amigo Arnold Ruge. Naquele jornal, Marx publica um texto, *Sobre a questão judaica*, no início de 1844, em que o dinheiro aparece apenas como matéria-prima de uma crítica moral, ainda distante da futura crítica da economia política. Nesse período, como afirma Bensaid (2010, p. 96), “ele ainda não concebe o dinheiro como equivalente geral da troca mercantil generalizada, como forma suprema do fetichismo da mercadoria, mas somente como fetiche monetário... o dinheiro em *Sobre a questão judaica* é um conceito à espera de seu desenvolvimento crítico.”

Àquela altura, sob a influência de Engels, que havia escrito *Esboço de uma crítica da economia política*, e do filósofo Moses Hess, com sua *Essência sobre o dinheiro*, suas inferências sobre o dinheiro tinham um tônus ético-moral, e estavam intimamente relacionadas com uma visão hostil das relações sociais capitalistas, formada desde seu período na *Gazeta Renana*.

Já na primavera de 1844 começa a estudar os economistas clássicos. Com a elaboração dos *Cadernos de Paris*, iniciada na primavera de 1844, Marx já estava convencido da primazia que

tinha que ser dada à economia política na formulação de uma crítica social completa. Portanto, estava ele ali começando uma dupla jornada: ao mesmo tempo em que se apropriava de toda a riqueza de conhecimentos legada pelos clássicos, estaria também afinando seu método científico, que lhe permitiria fazer uma crítica da sociedade burguesa com um tom científico que ultrapassasse os protestos por justiça e moralidade tão próprios dos socialistas utópicos.

Seus estudos começaram pela leitura e anotações de trechos das obras de autores como Jean-Baptiste Say, Adam Smith, David Ricardo e James Mill, numa intensidade tal que preencheu nove livros de notas e citações, no que ficou conhecido como *Cadernos de Paris*, escritos simultaneamente aos *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Apesar de os *Cadernos de Paris* não serem um texto escrito de forma sistemática, ele contém uma espécie de roteiro dos temas e categorias econômicas que chamavam a atenção de Marx. Logo no início aparece um resumo de o *Esboço de uma crítica da economia política*, de Engels, mas o primeiro autor que Marx analisou, de fato, foi Jean-Baptiste Say, especialmente a visão que este autor possuía sobre a propriedade privada e a riqueza. Em seguida, Marx analisa Ricardo e a diferença deste para Say quanto à noção do valor. As anotações de Marx se estendem sobre diversas outras categorias econômicas, principalmente em Smith e Ricardo, como renda da terra, trabalho, preço natural e preço de mercado etc.

Outro autor analisado é James Mill, tomado por Marx como exemplo de procedimento padrão adotado pelos economistas políticos que extraem leis econômicas partindo de suas abstrações, sem olhar para a realidade. Ainda que Smith e Ricardo sejam abonados por Marx, os outros economistas “constroem” leis econômicas que explicam apenas parte da realidade, e, portanto, “a lei não é mais que um momento abstrato, casual e unilateral, os economistas modernos fazem algo acidental, inessencial.” (MARX, 2011a, p. 125).

Na parte em que analisa os escritos de Mill sobre o dinheiro, Marx destaca a centralidade da temática da alienação: “O essencial do dinheiro não consiste sobretudo em ser a alienação da propriedade, senão no fato de que a atividade mediadora, o movimento ou ato humano, social, mediante o qual os produtos do homem se complementam uns aos outros – se encontra alienada nele e convertida em atributo seu, como atributo de uma coisa material, exterior ao homem.” (MARX, 2011a, p. 127).

As anotações de Marx se estendem, mas fica evidente o quanto os *Cadernos de Paris* serviram de sustentação teórica para os *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Nestas duas obras, suas referências ao dinheiro aparecem, pois, em função de uma crítica ética e moral à alienação do trabalho e à propriedade privada. A nova ciência até então era considerada apenas como um meio

cínico de justificar as novas relações sociais de propriedade do capitalismo. Embora bastante conhecida, é bastante representativa a citação que se segue:

O que é para mim pelo *dinheiro*, o que eu posso pagar, isto é, o que o dinheiro pode comprar, isso *sou eu*, o possuidor do próprio dinheiro. Tão grande quanto a força do dinheiro é a minha força. As qualidades do dinheiro são minhas – [de] seu possuidor – qualidades e forças essenciais. O que eu *sou* e *consigo* não é determinado de modo algum, portanto, pela minha individualidade. Sou *feio*, mas posso comprar para mim a mais *bela mulher*. Portanto, não sou *feio*, pois o efeito da *fealdade*, sua força repelente, é anulado pelo dinheiro. Eu sou – segundo minha individualidade – *coxo*, mas o dinheiro me proporciona vinte e quatro pés; não sou, portanto, *coxo*; sou um ser humano mau, sem honra, sem escrúpulos, sem espírito, mas o dinheiro é honrado e, portanto, também o seu possuidor. O dinheiro é o bem supremo, logo, é bom também o seu possuidor, o dinheiro me isenta do trabalho de ser desonesto, sou, portanto, presumido honesto; sou *tedioso*, mas o dinheiro é o espírito real de todas as coisas, como poderia ser possuidor ser tedioso? Além disso, ele pode comprar para si as pessoas ricas de espírito, e quem tem o poder sobre os ricos de espírito não é ele mais rico de espírito do que o rico de espírito? Eu, que por intermédio do dinheiro consigo *tudo* o que o coração humano deseja, não possuo, eu, todas as capacidades humanas? Meu dinheiro não transforma, portanto, todas as minhas incapacidades (Unvermögen) no seu contrário? (MARX, 2010a, p. 159, itálicos no original).

Sendo a alienação do trabalho aquela em torno da qual gravitam todas as outras alienações, é a partir dela que Marx extrai uma série de relações, entre as quais as relações entre propriedade, dinheiro e valor. Como não são os homens que se relacionam, e sim as propriedades de que dispõem, o valor intrínseco nessas mercadorias passa a ser representado pelo dinheiro, “o vínculo que me liga à vida *humana*, que liga a sociedade a mim” (MARX, 2010a, p. 159).

O tratamento que Marx dá à questão do dinheiro vem a reboque do seu interesse de entender a alienação, relação já observada por Marx em seus extratos de James Mill. O elemento de fundo é alienação, seja à da propriedade privada – expressa pelo dinheiro, seja à do trabalho, expressa pelo valor das coisas. De igual modo, o tratamento dado à categoria do capital guarda relação com a questão do trabalho alienado, como já se vê no início da seção sobre este tema. Pergunta Marx: “Em que se baseia o *capital*, isto é, a propriedade privada dos produtos do trabalho alheio?” (MARX, 2010a, p. 39).

Para desenvolver uma concepção teórica própria sobre o dinheiro, Marx ainda precisaria se munir de elementos empíricos. Filósofo de formação, passaria os anos seguintes em acerto de contas com a filosofia de sua época. Além dos textos sobre a Filosofia do Direito de Hegel, Marx escreve com Engels, entre 1844 e 1846, *A sagrada família* e *A ideologia alemã*.

Tendo sido expulso da França, Marx chega em Bruxelas em 02 de fevereiro de 1845. Com a eclosão da Revolução de 1848, o governo belga expede, no dia 03 de março, uma ordem de expulsão de Marx. Parte então para a França, onde um Governo Provisório havia sido instaurado, cancelando sua ordem de expulsão anterior. Com a explosão da revolução também na Alemanha,

Marx, na primeira semana de abril, parte para Colônia, capital da Renânia, onde chega no dia 10. Ali, cria um jornal chamado *Nova Gazeta Renana*, com linha editorial destinada a orientar a revolução naquele país. Em 16 de maio de 1849 recebe nova ordem de expulsão da Renânia e retorna no dia 19 de maio à Paris, onde passaria os três meses seguintes. Com a derrota da revolução, ele recebe outra ordem para abandonar Paris. No dia 24 de agosto de 1849 Marx parte para Londres, onde permaneceria até o final de sua vida.

A fonte de dados empíricos que até então lhe faltava seria suprida com os trabalhos jornalísticos a partir de 1848, que se caracterizariam por um constante enfrentamento não somente de questões políticas, mas também de questões relacionadas ao sistema bancário, crédito e dinheiro, que, além de ser o resultado da capacitação adquirida nos cinco anos anteriores de estudo dos economistas políticos, seria também um traço característico de suas pesquisas em Londres.

Na *Nova Gazeta Renana*, os olhos de Marx permaneciam, pois, atentos aos fatos econômicos da época, como mostram alguns dos seus textos publicados naquele jornal. Os artigos citados a seguir são apenas alguns, dentre outros, que abordam a temática econômica e que são elencados prioritariamente, e em ordem cronológica, devido à ênfase própria dos seus títulos: “O projeto de lei sobre o empréstimo compulsório e sua exposição de motivos” (MARX, 2010b, p. 167-170), de 26 de julho de 1848, artigo no qual, de forma sucinta, Marx menciona categorias como circulação, dinheiro, capital e juros; “A *Gazeta de Colônia* sobre o empréstimo compulsório” (MARX, 2010b, p. 191-192), de 04 de agosto de 1848, que contém elementos sobre a questão fiscal da Prússia; “O discurso de Proudhon contra Thiers” (MARX, 2010b, p. 195-198), de 05 de agosto de 1848, em que Marx critica a ideia de criar um Banco Nacional com consequente redução dos juros a zero; “A Bélgica, ‘Estado-Modelo’” (MARX, 2010b, p. 199-202), de 07 de agosto de 1848, com o uso de dados demográficos, comércio exterior, produção da indústria nacional, etc; “O orçamento dos Estados Unidos e o germano-cristão” (MARX, 2010b, p. 373-376), de 07 de janeiro de 1849; “A situação financeira prussiana sob Bodelschwingh e consortes” (MARX, 2010b, p. 440-449), de 17 de fevereiro de 1849; “Outra contribuição sobre a administração financeira velho-prussiana” (MARX, 2010b, p. 454-456), de 23 de fevereiro de 1849; “A situação do comércio” (MARX, 2010b, p. 484-488), de 07 de março de 1849 e “Os bilhões” (MARX, 2010b, p. 513-517), de 16 de março de 1849, com elementos da política monetária do Governo Provisório na França. No dia 05 de abril de 1849, Marx publica o primeiro editorial, de um total de cinco, do que ficou conhecido como *Trabalho assalariado e capital*.

Entre 1850 e 1853, Marx, já em Londres, volta aos estudos teóricos e escreve os *Cadernos de Londres*, compilados em 24 cadernos de notas. Ricardo era o alvo principal de Marx, que reserva

a ele os cadernos IV, VII e VIII, considerados “a parte mais importante dos [*Cadernos de Londres*] devido aos inúmeros comentários e reflexões pessoais que as acompanham”. (MUSTO, 2011, p. 44). De fato, no Caderno IV, Marx (2006, p. 345) indica já no início uma série de temas relacionados com o dinheiro, tais como as “flutuações no valor da prata e do ouro, diferentes efeitos produzidos pela alteração no valor do dinheiro, dinheiro de ouro e de prata e o comércio externo, o dinheiro é somente o meio no qual se expressa o valor relativo”, além de diversos outros.

Nos Cadernos VII e VIII constam também anotações sobre Adam Smith e James Steuart, respectivamente. Musto ressalta a importância das anotações sobre Ricardo, evidenciada pelo fato de terem sido o único grupo de citações de Marx publicados no segundo volume da primeira edição dos *Grundrisse*, em 1941. Quando termina o caderno VII, Marx escreve dois outros cadernos de notas, onde expõe o seu próprio conhecimento, sob o título *Ouro: o sistema monetário perfeito*, considerada por Musto como, possivelmente, a “primeira formulação autônoma de Marx sobre a teoria do dinheiro e da circulação.” (MUSTO, 2011, p. 45). Segundo De Deus (2010, p. 88-89), nesta obra, Marx desenvolve algumas questões de forma original. Os metais preciosos já ficam determinados como “mercadoria universal” e como “medida geral do valor das mercadorias”.

## **II - A teoria do dinheiro nos *Grundrisse***

Seria nos *Grundrisse* que Marx não somente continuaria estudando o dinheiro, mas também buscaria articulá-lo dialeticamente seja a categorias que o antecedem logicamente, seja a categorias que o sucedem. Em 10 de janeiro de 1857, Marx escreve a Engels, dando notícias sobre o novo livro de Proudhon: ele “está publicando em Paris uma “bíblia econômica” [...]. Disse que expôs a primeira parte na *Filosofia da miséria*. Agora vai revelar a segunda [...] Tenho aqui uma recente publicação de um discípulo de Proudhon: Da reforma dos bancos, escrito por Alfred Darimon, 1856. O velho truque.” (MARX e ENGELS, 1974, p. 58-59). Além da iminente crise de 1857, Proudhon seria, mais uma vez, o acicate da crítica elaborada por Marx. Depois de ter passado os meses de agosto e setembro às voltas com a *Introdução de 1857*, Marx dá início, em outubro de 1857, ao que seria o primeiro capítulo dos *Grundrisse*: o capítulo do dinheiro.

A partir dessa crítica, lado a lado com o objeto enfrentado, Marx vai se aparelhando para elaborar sua própria teoria do dinheiro. Porém, adverte Coutinho (2010, p. 112), “o leitor do Capítulo do Dinheiro dos *Grundrisse* que tiver como referência a Seção I do Livro I de *O Capital*, em particular seu capítulo I (A mercadoria), passará pela experiência de cair do céu à terra.” Eis



alguns exemplos dados por ele: Marx inicia aquilo que seria sua teoria do dinheiro por uma discussão sobre crédito, algo impensável ante o rigor expositivo de *O Capital*. Em seguida embrenha-se na discussão da relação entre circulação monetária e balanço de pagamentos, para, mais adiante, pôr-se a discutir um tema altamente complexo que é a relação entre meio de circulante e nível de preços.

Tratava-se de mostrar que as medidas proudhonianas de combate às contradições do capitalismo eram inócuas. “Deixai existir o papa, mas fazei de cada um um papa” (MARX, 2011b, p. 78), essa era a proposta de Darimon, segundo Marx. Se o dinheiro, ou mais propriamente, os metais preciosos eram os responsáveis pela desigualdade no intercâmbio entre capital e trabalho e pelas crises econômicas, a solução então era igualar os metais preciosos a todas as outras mercadorias. Todas sendo iguais, os metais preciosos perderiam sua predominância e, assim, sua capacidade de gerar desequilíbrios. Com isso, conferia-se a todas as mercadorias as propriedades próprias do dinheiro, a saber, portarem valor (valor determinado pelo tempo de trabalho) e poderem ser trocadas diretamente umas pelas outras, o que não significava necessariamente um retorno à troca direta.

Marx adentra na discussão sobre o crédito, contrapondo-se à proposta de Darimon de “gratuidade do crédito”. Para ele, a confusão feita por Darimon entre sistema de crédito e circulação de dinheiro é o que o leva a não perceber que a ação dos bancos em épocas de crise é um mero resultado das forças de mercado, portanto, próprias do capitalismo, que nada tem a ver diretamente com o monopólio dos bancos sobre o crédito. A proposta de Proudhon de abolir os juros, ao fazer com que o Estado garantisse as notas bancárias e não mais os bancos, era ilusória, na visão de Marx.

A questão fundamental para Marx, e que o ocupava desde a *Introdução de 1857*, era a produção e as inter-relações existentes com o consumo, a distribuição e a circulação. Referindo-se ao que seria para ele a questão geral, pergunta:

As relações de produção existentes e suas correspondentes relações de distribuição podem ser revolucionadas pela mudança no instrumento de circulação – na organização da circulação? Pergunta-se ainda: uma tal transformação da circulação pode ser implementada sem tocar nas relações de produção existentes e nas relações sociais nelas baseadas? (MARX, 2011b, p. 74).

Se a resposta for afirmativa, a doutrina pregada por Darimon sucumbiria a priori, pois, se o objetivo das medidas prescritas por ele era justamente promover a calma nas condições de produção, verificar-se-ia de imediato uma instauração daquilo que se queria evitar, a saber, o caráter violento das transformações. Por isso, diz Marx, “a falsidade desse pressuposto fundamental seria

suficiente para demonstrar o equívoco similar sobre a conexão interna entre as relações de produção, distribuição e circulação.” (MARX, 2011b, p. 74). É neste momento que Marx vai pela primeira vez, neste Caderno I, falar de uma categoria, o dinheiro, embora esteja ali se referindo às suas formas concretas como “dinheiro metálico, dinheiro de papel, dinheiro de crédito e dinheiro-trabalho”. (MARX, 2011b, p. 74). A análise dessa categoria atingiria nevrálgicamente as concepções proudhonianas, especialmente quanto à sugestão de criação de notas representativas de horas de trabalho, pois, para Marx,

As distintas formas de dinheiro podem corresponder melhor à produção social em diferentes etapas, uma elimina inconvenientes contra os quais a outra não está à altura; mas nenhuma delas, enquanto permanecerem formas do dinheiro e enquanto o dinheiro permanecer uma relação social essencial, pode abolir as contradições inerentes à relação do dinheiro, podendo tão somente representá-las em uma ou outra forma. (2011b, p 75).

Ainda que gaste algumas páginas a mais discorrendo sobre essas questões, é a partir daí que Marx dá início à sua própria elaboração sobre o dinheiro. E fará isso na medida em que transita da circulação para a esfera da produção. Segundo Dussel (2004, p. 71), isto implicaria fazer uma passagem dialética, um “processo metódico de ir do superficial ao profundo, do simples ao complexo [...] Do dinheiro à mercadoria, da mercadoria ao valor, e, por último, do valor ao trabalho vivo”, através de um caminho do qual provavelmente Marx não tinha consciência. Portanto, o ponto de partida é o dinheiro.

Este procedimento permite a Marx refinar seu instrumental metodológico. Passa a ser recorrente o uso de pares dialéticos, como valor de uso-valor de troca e mercadoria-dinheiro, embora não apresente ainda explicitamente a temática do trabalho concreto-trabalho abstrato, que só apareceria no *Para a crítica da economia política*. O par capital-trabalho aparece no capítulo seguinte. Já consciente da necessidade de estabelecer níveis de abstração, ele pontua que “para não obscurecer a questão com influências irrelevantes, é preciso pressupor uma nação na qual exista livre-comércio de cereais”. (MARX, 2011b, p 80). Usando, então, Darimon como interlocutor, Marx ensaia aquelas breves passagens dialéticas. Era visível a necessidade de avançar no refinamento das categorias que seriam essenciais para o desenvolvimento de sua teoria.

Na seção da *Introdução de 1857* sobre o método, Marx destaca, entre outros aspectos, a relação entre o todo e as partes, a forma como as partes precisam ser articuladas no todo. Assim, parte-se da totalidade caótica (a representação plena) rumo a determinações abstratas, caminho que teria que ser feito através de abstrações e que, mais tarde, quando da exposição, se inverteria, indo do abstrato ao concreto. Mas este era o problema de Marx a essa altura, a saber, era preciso nessa corrida investigativa separar a parte do todo, e a peça-chave para isso era a abstração. Dessa forma,

como assinala Dussel (2004, p. 72), a primeira transição em tela, o dinheiro é a parte, o abstrato, que precisa ser explicado pela totalidade (o sistema burguês de troca). Por isso, antes de discutir a gênese do dinheiro, Marx analisa mais de perto algumas categorias e as relações entre elas. Ele tinha passado da circulação para a produção (do dinheiro passou pela mercadoria, pelo valor até chegar ao trabalho vivo) e agora ele faria o caminho inverso, da produção para a circulação. “O primeiro caminho, significava ir da categoria complexa (dinheiro) para as mais simples (mercadoria, valor, trabalho vivo). Agora [...] irá do simples (valor) para o complexo (o preço).” (DUSSEL, 2004, p. 76).

É na investigação que faz sobre a gênese do dinheiro que Marx vai cadenciar mais o seu discurso, buscando um caminho próprio, com menções cada vez mais raras a Darimon. Numa espécie de ensaio do que aconteceria em *O Capital*, seu estudo sobre a gênese do dinheiro começa pela mercadoria. Diz que as mercadorias são trocadas não com base numa relação de valor, mas com base no quantum de uma terceira mercadoria, e que toda mercadoria é objetivação de um determinado tempo de trabalho. Valor e valor de troca são tomados quase que indistintamente nesse início, quando afirma que “o valor (valor de troca) é a mercadoria somente na troca” (MARX, 2011b, p. 90), mas avança na distinção categorial e, poucas linhas adiante, diz que “como valores, todas as mercadorias são qualitativamente idênticas e apenas quantitativamente diferentes”. E acrescenta: “o valor é sua relação social.” (MARX, 2011b, p. 91). A argumentação de Marx vai progredindo numa permanente oposição entre valor e valor de troca, e a categoria valor de uso parece querer surgir quando Marx diz que “na troca efetiva, a mercadoria só é permutável em quantidades relacionadas às suas propriedades naturais e correspondentes às necessidades daqueles que se trocam.” (MARX, 2011b, p. 91). Marx quer chegar ao dinheiro, mas aí novamente se evidencia a confusão entre valor e valor de troca. Ora ele diz que “como valor, [a mercadoria] é dinheiro”, ora diz que “o valor de troca da mercadoria, como existência particular ao lado da própria mercadoria, é dinheiro”. (MARX, 2011b, p. 92).

Se há trocas, isto é possível não porque as mercadorias tenham em si mesmas uma propriedade natural, mas por serem convertidas em valores de troca. Porém, a abstração que teve que ocorrer para transformar a mercadoria em valor de troca precisa ser objetivada através de um signo, o dinheiro. Marx faz um primeiro resumo das transições dialéticas feitas até o momento: “O processo, portanto, é simplesmente o seguinte: o produto devém mercadoria, *i. e., simples momento da troca*. A mercadoria é transformada em valor de troca. Para se equiparar a si mesma como valor de troca, a mercadoria é trocada por um signo que a representa como valor de troca enquanto tal.” (MARX, 2011b, p. 94).

A partir daí a discussão toma outro rumo. Marx cita as propriedades do dinheiro, todas elas decorrentes da determinação que o dinheiro possui como valor de troca, a saber, “1) medida de troca de mercadorias; 2) meio de troca; 3) representante das mercadorias (e, por isso, como objeto dos contratos); 4) mercadoria universal junto às mercadorias particulares.” (MARX, 2011b, p. 95). Referindo-se a esta última propriedade, Marx antecipa uma outra transição dialética, a que se dá entre dinheiro e capital, pois o fato da corporificação do valor de troca de todas as mercadorias acontecer através do dinheiro, converte este em capital, “em forma fenomênica sempre válida do capital.” (MARX, 2011b, p. 95).

Sem analisar uma a uma das propriedades, Marx indica qual seria a próxima questão a ser analisada: “A existência do dinheiro ao lado das mercadorias não envolve desde logo contradições que estão dadas nessa própria relação?” (MARX, 2011b, p. 96). O valor de troca dissolve as relações de dependência pessoal na produção e agora, no capitalismo, os processos de trabalho aparecem como que independentes uns dos outros, por conta do seu caráter privado. O valor de troca é o mediador geral, numa sociedade que necessita da troca para expressar a dependência recíproca dos indivíduos. Como o trabalho dos agentes é privado, a troca será o elemento capaz de resolver a contradição privado-social, no sentido de que viabiliza uma divisão social *a posteriori*, ou seja, somente depois de ter ocorrido a produção. Daí a importância do dinheiro na resolução dessa contradição, pois “o indivíduo tem de produzir um produto universal – o valor de troca, ou este último por si isolado, individualizado, o dinheiro.” (MARX, 2011b, p. 105).

Mais adiante, Marx tece considerações sobre as propriedades dos metais preciosos, em especial o ouro e a prata. Existem determinadas exigências para que uma mercadoria se constitua como dinheiro. Marx prosseguirá discorrendo sobre as características físicas e químicas desses metais, a relação entre eles e a forma como o valor dos diferentes metais flutua.

Inicia-se então o estudo da circulação do dinheiro que corresponde ao inverso da circulação das mercadorias. É na circulação que os preços aparecem, pois, diz Marx, “que aquilo que o dinheiro faz circular são valores de troca”. (MARX, 2011b, p. 134). Daí, uma preocupação metodológica: “o conceito de preço deve ser de fato desenvolvido antes do conceito de circulação.” (MARX, 2011b, p. 134). Aqui é Marx conversando consigo próprio, como se estivesse nesse momento convencido de ter feito a coisa certa, pois páginas antes esboçara observações sobre o preço.

O próximo passo, pois, é tratar das funções do dinheiro. Percebe que pela determinação do dinheiro como medida de valor, os preços existem, num primeiro momento, apenas idealmente, mas, num segundo momento, perderá essa condição, e a mercadoria se transformará em dinheiro

pela função que este tem como meio de circulação. Entretanto, Marx está às voltas com a questão do dinheiro-trabalho misturado com a emissão de bônus-horários como moeda pelos bancos. Detecta os problemas entre o nome e o peso das moedas, mas não chega ainda ao par dialético de medida do valor e padrão de preços, que será resolvido no texto de 1859. O dinheiro na função de meio de circulação permite a realização do valor das mercadorias e, nesse sentido, Marx já avança uma crítica à teoria quantitativa da moeda e também avança na dissociação entre compra e venda, no desenvolvimento dos comerciantes e na possibilidade do dinheiro de crédito.

“A separação da troca em compra e venda torna possível que eu somente compre sem vender (...), ou que somente venda sem comprar (...). Torna possível a especulação. Essa separação tornou possível uma massa de transações antes da troca definitiva das mercadorias e possibilita a uma massa de pessoas tirar vantagem dessa dissociação. Tornou possível uma massa de *transações fictícias*. (MARX, 2011b, p. 146).

Mais a frente abordará uma outra função do dinheiro: representante material da riqueza, quando o dinheiro obtém uma existência autônoma fora da circulação. Nesta função, que em *O Capital* aparece com o entesouramento, Marx já avança várias questões sobre a moeda e a sua contradição interna entre o nome e o seu peso e também a possibilidade de substituição do dinheiro “na condição *exclusiva* de meio de circulação por qualquer outro *signo* que expresse um *quantum* determinado de sua unidade” (MARX, 2011b, P. 158). Mas não chega ainda à solução dessa contradição através da substituição por papel moeda, o que ele resolve em *O Capital*: “nas senhas metálicas de dinheiro, o caráter puramente simbólico ainda está em certa medida oculto. Na moeda papel revela-se plenamente.” (MARX, 1985, p. 108).

Marx, que já tinha feito uma primeira transição do dinheiro para o capital, agora, no estudo da circulação, dará um passo adiante: “À primeira vista, a circulação se manifesta como um *processo de mau infinito*. A mercadoria é trocada por dinheiro; o dinheiro é trocado por mercadoria, e isso se repete ao infinito.” (MARX, 2011b, p. 144). É o advento de uma época em que o valor de troca é o objetivo principal da produção de mercadorias. O valor de troca se autonomiza sob a forma de dinheiro. Marx pode então falar mais claramente da terceira determinação do dinheiro que resulta da segunda fórmula de circulação: D-M-M-D.

Ao contrário da primeira fórmula, M-D-D-M, é nesta segunda que o dinheiro aparece como um fim em si mesmo, renunciando a transformação do dinheiro em capital. Neste tipo de circuito, o dinheiro não é apenas meio ou medida, mas é um fim em si mesmo. Por isso que, referindo-se a esta terceira determinação do dinheiro, Marx diz que “nessa determinabilidade já está contida de maneira latente sua determinação como capital.” (MARX, 2011b, p. 162). O dinheiro, como capital, é pressuposto e resultado da circulação; ele, nessa condição, nega a circulação, mas precisa

permanecer nela. Nessa condição, de ser capital, ele é posto como instrumento de produção, pois a circulação deixa de se manifestar apenas como troca quantitativa para se manifestar como um processo de produção. Por fim, Marx ameaça tratar de um dos resultados dessa determinação, que é a relação do dinheiro consigo mesmo expressa na existência dos juros, mas imediatamente recorre ao mesmo expediente de tantas outras vezes, prometendo tratar desse assunto no momento dialético possível. “Por isso, o dinheiro, enquanto capital, se manifesta igualmente posto como relação consigo mesmo mediado pela circulação – na *relação dos juros e do capital*. [...] aqui não temos ainda de tratar dessas determinações”. (MARX, 2011a, p. 163).

A discussão segue adiante. Marx já fez alguns apontamentos sobre a relação entre dinheiro e capital, e também sobre o dinheiro como representante material da riqueza universal, mas dá um passo atrás na história para mostrar que, se na antiguidade “o valor de troca não era o *nexus rerum*” (MARX, 2011b, p. 166), só se tornou possível na sociedade capitalista por uma condição: o trabalho assalariado. “O trabalho tem de produzir imediatamente o valor de troca, i.e., dinheiro. Por essa razão, tem de ser *trabalho assalariado*.” (MARX, 2011b, p. 167). Os indivíduos não querem uma mercadoria particular, querem o dinheiro, a riqueza em sua forma universal, e, por isso, o trabalho passa a ser consequência do desejo generalizado por dinheiro. O dinheiro move o trabalho e não o contrário.

Em suma, o capítulo do dinheiro apresenta uma intrincada relação entre categorias que, apesar de ter constado em manuscritos anteriores, não tinha recebido o tratamento analítico necessário. Ainda permanecia distante do rigor expositivo de *O Capital*, mas ali estava Marx fazendo descobertas, ao mesmo tempo em que experimentava seu método dialético através de pequenas exposições. Entretanto, para fins do que será tratado na próxima seção, resgate-se a brilhante questão levantada por Marx:

Além disso, haveria de investigar, ou caberia antes à questão geral, se as diferentes formas civilizadas do dinheiro – dinheiro metálico, dinheiro de papel, dinheiro de crédito e dinheiro-trabalho (este último como forma socialista) – podem realizar aquilo que delas é exigido sem abolir a própria relação de produção expressa na categoria dinheiro, e se, nesse caso, por outro lado, não é uma pretensão que se autodissolve desejar, mediante transformações formais de uma relação, passar por cima de suas determinações essenciais? (MARX, 2011b, p. 74-75).

Esta questão, que surgia do embate com Proudhon, mostra o vigor e a acuidade da percepção de Marx quanto a temática para além do seu tempo. Marx voltaria aos estudos e ainda por alguns anos se debateria com o estudo de fenômenos monetários de seu tempo, como se vê no livro III de *O Capital*, especialmente em sua 5ª seção. É nesse sentido, que o exame da categoria dinheiro

fictício - a ser estudada na próxima seção, juntamente com a temática do dinheiro no livro I - pode ser mostrar esclarecedor.

### **III - A teoria do dinheiro em *O Capital* e a emergência do dinheiro fictício**

Em *Para a crítica da economia política*, de 1859, Marx reelabora sua teoria do dinheiro e escreve uma primeira versão do que viria a constituir os três primeiros capítulos de *O Capital*. Naquela obra, composta por dois capítulos - A mercadoria e O dinheiro ou a circulação simples - Marx começa a separar a teoria do valor e a teoria do dinheiro, que, com algumas modificações, se convertem em *O Capital* em: A mercadoria, O processo de troca e O dinheiro ou a circulação de mercadorias.

O capítulo sobre a mercadoria traz uma reorganização, desdobramentos, detalhamento e aprofundamento do valor e da forma de valor ou valor de troca. Aí, Marx mostra como as contradições internas à mercadoria e à forma valor, a necessidade de sua manifestação e apresentação material na realidade, vão se desdobrando da forma simples ou acidental até a forma geral e a sua transição para a forma dinheiro. Um desenvolvimento lógico e teórico do fundamento e das determinações da riqueza capitalista, apoiado profundamente em seu desenvolvimento histórico.

A forma dinheiro, detalhada no capítulo III, também é uma reestruturação do capítulo do dinheiro de *Para a crítica da economia política*, de 1859. Neste capítulo, Marx apresenta de forma mais organizada o dinheiro e suas funções de medida dos valores, meio de circulação e dinheiro. Ele deixa de lado a questão sobre o dinheiro como meio de pagamento e explica que essa função só seria tratada após o desenvolvimento do crédito. Marx não retoma a questão dos metais preciosos, longamente tratada também nos *Grundrisse* e no texto de 1859, e a discussão e crítica às teorias sobre o meio de circulação e o dinheiro.

A teoria do dinheiro tal como a encontramos nos primeiros capítulos do livro I de *O Capital* traz, ao nosso ver, as primeiras determinações do dinheiro, que receberá novas determinações a partir do capítulo quatro, sobre a transformação do dinheiro em capital. Entretanto, nos três capítulos iniciais o dinheiro já é tratado como uma forma de valor que se autonomiza e adquire a cada momento novas determinações. Como medida do valor, o dinheiro é a unidade contraditória entre o valor e a quantidade de ouro, como mercadoria monetária pressuposta por Marx. Por isso, o dinheiro como medida de valor será constituído pelo valor do ouro e como padrão de preços a

medida é o peso do ouro, quantidade que se supõe deveria permanecer constante. É dessa contradição, entre a medida de valor e o padrão de preços, mais especificamente entre o nome monetário e o peso em ouro da moeda, que se soluciona na realidade pela substituição das moedas de ouro, ou prata, por papel moeda conversível em um primeiro momento, mas que se torna inconversível no sistema de crédito contemporâneo. Além disso, “em sua função de medida do valor, o dinheiro serve, portanto, como dinheiro apenas imaginário ou ideal. Essa circunstância deu origem às mais absurdas teorias.” (MARX, 1985, p. 88). A partir desta função do dinheiro se desenvolveu uma enorme discussão sobre o dinheiro mercadoria e o dinheiro como papel moeda inconversível<sup>5</sup>, ou como o papel moeda sem valor pode medir o valor, em particular no Brasil (Carcanholo, 2001 e 2002, Corazza 1998 e 2002, Germer 1997 e 2002,).

A solução desse enigma requer, pois, uma solução no âmbito da dialética: a contradição que aparece no curso da análise só pode ser o reflexo de uma contradição real: o dinheiro mundial atual tem valor e não tem valor, ou seja, ele tem valor meramente fictício. Destarte, para apreender essa contradição é preciso suprimir e superar a polaridade em questão, chegando ao conceito de dinheiro fictício. Tem-se assim, portanto, uma forma de valor que “não” possui valor, mas o representa de algum modo. Note-se que o “valor” do dinheiro fictício é normalmente apreendido pelos agentes que atuam no processo mercantil como poder de compra. (PRADO, 2013, p. 139)

A substituição do dinheiro como meio de circulação pelas diversas formas de crédito e pelo dinheiro de crédito costuma ser amplamente aceita sem grandes controvérsias. Além disso o desenvolvimento do sistema de crédito vai suprimindo, inclusive, o dinheiro em sua função de meio de pagamento através das compensações contábeis efetuadas através do sistema bancário. O entesouramento, que era uma das formas de acumulação da riqueza autonomizada na forma dinheiro, também vai desaparecendo à medida em que as determinações do dinheiro como capital vão se desenvolvendo e se desenvolvem novas formas do capital portador de juros. Este, de um momento inicial que permite acelerar a acumulação real de capital, vai se constituindo em formas fictícias de acumulação através dos mais variados tipos de títulos de dívida, para além das formas tratadas por Marx no livro III.

Enfim, o dinheiro mercadoria, no desenvolvimento e solução de suas contradições, vai sendo substituído continuamente por formas sociais fetichizadas até a forma de dinheiro como dívida pública ou privada, inclusive as novas formas de dinheiro mundial, todas fictícias.

---

<sup>5</sup> Infelizmente, Marx não tratou mais detalhadamente do dinheiro como numerário ou como unidade de conta, aos quais faz rápidas referências nos *Grundrisse* e no *Para a crítica da economia política*.



#### IV - O dinheiro no sistema de crédito contemporâneo

Após alguns séculos em que a dominância e as determinações econômicas das sociedades contemporâneas são regidas pela dinâmica de reprodução do capital, essas sociedades ainda continuam sendo dominadas pela aparência fenomênica do dinheiro, como expressão de uma forma antiga da riqueza. A forma dinheiro, como forma plenamente desenvolvida na circulação simples das mercadorias ( $M - D - M$ ), foi sofrendo mudanças decorrentes tanto de suas contradições internas quanto de suas contradições na reprodução ampliada do capital ( $D - M - D'$ ). Assim, o dinheiro hoje não é mais o dinheiro, apesar de ser imaginado como tal, como o encontramos desenvolvido nos primeiros capítulos de *O Capital* de Marx<sup>6</sup>. Sob o moderno sistema de crédito, o que chamamos de dinheiro, a rigor, é uma forma de dívida estatal, uma dívida especial sem vencimento nem remuneração<sup>7</sup>. As notas impressas e distribuídas pelos Bancos Centrais são apenas símbolos substitutos do que seriam as moedas cunhadas, além disso nem correspondem mais à chamada criação monetária, pois esta é efetuada apenas através de registros de débito e crédito nos sistemas computadorizados dos bancos centrais e do sistema bancário.

À medida em que o sistema de crédito foi incorporando todas as inovações das chamadas tecnologias de informação e comunicação, com o desenvolvimento do funcionamento do sistema bancário e das demais instituições desse sistema em uma rede internacional, o papel moeda foi tornando-se cada vez mais obsoleto. Assim, nos países desenvolvidos e mesmo em muitos países dependentes esse papel moeda foi substituído em maior ou menor medida por cartões de débito ou crédito, acessíveis através de uma rede mundial de computadores. Com isso, a maior parte das transações econômicas converteram-se unicamente em registros contábeis nas empresas, bancos e governos, onde o dinheiro fictício funciona como a unidade de medida que substituiu o padrão ou estalão de preços<sup>8</sup> tendo tido a sua função de meio de circulação quase que totalmente substituída por esses registros que transferem instantaneamente saldos monetários de uma conta para outra.

---

<sup>6</sup> Com o desenvolvimento do sistema de crédito, o dinheiro de crédito substitui o dinheiro como meio de circulação e também como meio de pagamento. “O crédito, como forma igualmente social da riqueza, expulsa o dinheiro, e usurpa o seu lugar. É a confiança no caráter social da produção, que faz com que a forma-dinheiro dos produtos apareça como algo evanescente e ideal, como mera representação.” (MARX, 1986b, p. 93).

<sup>7</sup> Assim, podemos chamar, como o faz Eleutério Prado (2013), de dinheiro fictício em analogia ao capital fictício. Na função de meio de circulação, o dinheiro foi amplamente substituído por diversas formas de títulos de dívida e de crédito desde a época de Marx. Um estudo bastante detalhado é apresentado no capítulo XXXIII, “O meio de circulação sob o sistema de crédito” do Livro III, vol. V do *Capital*, (MARX, 1986b, p. 53-72)

<sup>8</sup> Padrão de preços de uma medida do valor, o ouro, quase perdida ou muito distante, ver Prado (2013). Uma outra função analisada por Marx, o entesouramento, também desapareceu com o desenvolvimento do sistema de crédito, pois a forma autonomizada da riqueza, como dinheiro, foi substituída pelo capital monetário portador de juros e suas formas derivadas de capital fictício.

Isso pode ser observado nas estatísticas do sistema monetário. Os bancos centrais, direta ou indiretamente, procuram controlar o que chamam de oferta de moeda. O fundamento dessa oferta monetária é a base monetária, também conhecido como criação primária de moeda, que através de um “efeito multiplicador” seria convertido em meios de pagamentos, ou  $M_1$ . Esse  $M_1$  é representado nos dados estatísticos pela soma do papel moeda em poder do público (que são notas e moedas divisionárias criados pelo banco central) mais o saldo dos depósitos à vista<sup>9</sup>. Estes depósitos poderiam ser considerados dinheiro do ponto de vista dos pequenos depositantes, pelas suas características, mas são convertidos continuamente em capital portador de juros pelo sistema bancário. Sobre isso, Marx diz que “O depósito é capital monetário para o depositante. Mas pode ser nas mãos do banqueiro apenas capital monetário potencial, que se acha em alqueive em seu cofre em vez de estar no de seu proprietário.” (1986b, p. 44)

Dessa forma, as famílias trabalhadoras que obtêm rendas de salário ou de atividades informais, que recebem seus salários periodicamente através de crédito em conta bancária, não recebem mais dinheiro. A magnitude de valor expressa pelos salários torna-se automaticamente um registro bancário, “dinheiro” disponível que não existe em nenhum lugar a não ser como registro. A soma de todos esses depósitos das rendas das famílias trabalhadoras, mas também de empresas e governos, são convertidos em capital pelo sistema bancário<sup>10</sup>. Essa conversão é efetuada através dos empréstimos, ou concessão de créditos. Do mesmo modo, a sociedade acredita que essa circulação é de dinheiro, não a considera como o que é efetivamente: circulação do capital, ou seja, tudo que se acredita que é dinheiro dentro do sistema econômico é efetivamente capital, que está momentaneamente sob essa forma, de um registro contábil ou de papel moeda (dívida) do banco central. Essa parte das despesas das famílias e dos trabalhadores, constitui a conclusão do ciclo do capital na realização do valor das mercadorias.

Esta parte do ciclo está conectada, ligada indissolúvelmente à circulação cotidiana do capital em geral e das formas particulares do capital. Assim, no ciclo  $D - M - D'$ , todas as unidades de capital em funcionamento podem estar realizando partes alíquotas desse ciclo diariamente. As empresas após o período de implantação do negócio iniciam e repetem todos os dias o mesmo ciclo  $D - M - D'$ , não através da totalidade dessa unidade de capital, mas em uma parcela diária onde uma parte do capital fixo é consumida juntamente com matérias primas e outros materiais na

---

<sup>9</sup> A quantidade total da base monetária e do  $M_1$  representa uma parcela muito pequena do Produto Interno Bruto e também da Produção total das economias. “A quantidade das notas em circulação é regulada pelas necessidades de circulação e toda nota supérflua retorna imediatamente a seu emissor.” (MARX, 1986b, p. 56)

<sup>10</sup> Os bancos funcionam em parte como intermediários, emprestando valores depositados pelos seus clientes e em parte criando valores novos, dinheiro novo ou alavancagem na linguagem atual. “Na medida em que o Banco emite notas, que não são cobertas pela reserva metálica guardada em seus cofres, ele cria signos de valor que constituem para ele não apenas meios de circulação, mas também capital adicional, ainda que fictício, no valor nominal dessas notas sem cobertura.” (MARX, 1986b, p.69)

produção da nova mercadoria que deve ser vendida. É claro que certas mercadorias são produzidas em horas e até em minutos enquanto outras podem demorar dias, meses e anos. Mas todos esses ciclos particulares dos capitais individuais se integram no processo global de reprodução.

Do ponto de vista do sistema bancário, todas as operações de compras e vendas vão se consolidando em operações monetárias, de transferências de uma conta à outra, de um cliente para outro, de uma pessoa para uma empresa, de uma empresa para outra e finalmente de um banco para outro. Quando as operações de compra e venda e de pagamentos eram efetuadas predominantemente com cheques, estes eram registrados e transferidos de um banco para outro e de uma agência para outra. Atualmente a maior parte dessas operações são efetuadas através de cartões de débito ou crédito, nesse caso o registro é instantâneo e passa pelas agências operadoras dos respectivos cartões.

Ao final das compensações de todas as operações entre os bancos que são efetuadas diariamente, cada um dos bancos pode apresentar saldo monetário positivo ou negativo. No primeiro caso, esse saldo deve ser convertido de dinheiro fictício em capital fictício. No segundo caso, os bancos com saldos negativos devem conseguir empréstimos para financiarem esses saldos. Em ambos os casos funciona entre os bancos o mercado interbancário onde os bancos superavitários oferecem crédito aos bancos deficitários ou estes buscam crédito junto àqueles. Em última instância, o banco central, funcionando como banqueiro dos bancos, oferece os empréstimos de última instância. Essa contínua metamorfose da riqueza capitalista da forma dinheiro para a forma de capital portador de juros, em títulos privados ou públicos, é realizada nas operações efetuadas diariamente no mercado aberto dos bancos centrais<sup>11</sup>.

Assim, o moderno sistema de crédito permite e acelera a dinâmica da acumulação de capital, onde, no ciclo  $D - M - D'$ , a realização do valor é efetuada continuamente, principalmente através do sistema bancário, no qual o valor produzido passa pela forma dinheiro e todo excedente acumulado diariamente pode ser convertido em capital portador de juros em sua forma fictícia. Ao mesmo tempo, as necessidades de dinheiro e capital-dinheiro são fornecidas pela reconversão continua da forma fictícia da riqueza para estas formas funcionais do valor. Da mesma forma, o moderno sistema de crédito permite avançar sobre o futuro, tanto na realização do valor, através de empréstimos para a compra final das mercadorias produzidas, quanto para o financiamento da

---

<sup>11</sup> Na época de Marx, encontramos esse mecanismo descrito por Chapman que “diz que o costume dos bancos de investir seu capital monetário excedente a curto prazo, na compra de consolidados e títulos do Tesouro diminuiu muito nos últimos tempos, desde que se tornou um hábito emprestar esse dinheiro *at call* (de um dia para outro, exigível a qualquer momento). Ele mesmo considera para seu negócio a compra desses papéis altamente inadequada. Por isso, prefere investi-lo em boas letras, parte das quais vence diariamente, de modo que sempre sabe com quanto dinheiro líquido pode contar todo dia.” (MARX, 1986b, p. 61).

continuidade do ciclo, através dos empréstimos para capital de giro ou para o início de novos ciclos do capital através dos financiamentos à acumulação de capital. Pode-se dizer que, à medida em que o volume de novos créditos concedidos através da criação do dinheiro fictício, representa um avanço sobre a futura produção de riqueza. Um exemplo corrente são os empréstimos para as famílias comprarem de bens de consumo a crédito<sup>12</sup>. As famílias nesse momento estão empenhando sua participação futura na riqueza produzida.

## Considerações finais

Vimos que o dinheiro constituiu uma das primeiras preocupações de Marx em seus estudos a partir de 1844 e continuou durante todo o resto de sua vida. Ao que tudo indica, a conotação ética e moral dessas primeiras observações de Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* e nos *Cadernos de Paris*, decorre da própria apreensão que ele faz da realidade a partir da sua aparência mais visível e das manifestações que encontrou sobre essa própria realidade. O desenvolvimento de seus estudos e a sua contribuição aos estudos do dinheiro e do capital para nossa sociedade contemporânea tornou-se um elemento fundamental para a compreensão dos mecanismos de desenvolvimento e da acumulação dos capitais fictícios atualmente.

Tendo começado seus estudos sobre o dinheiro em 1844, só em 1857/58, com os *Grundrisse*, Marx se sente pronto para apresentar os resultados de suas pesquisas. Embora ainda seja momento de investigação, ele organiza e elabora seus estudos em duas grandes partes, o capítulo do dinheiro e o capítulo do capital, fazendo constar no primeiro notas de tudo que tinha trabalhado a respeito do tema até então, bem como a indicação de novas questões. Podemos inferir daí, que Marx só chegou à formulação e efetiva elaboração da teoria do valor e do dinheiro nessas notas, mas com uma grande mistura dessas duas partes da teoria e ainda muito dependente ou ancorada em fatos e elementos históricos.

No texto de 1859, o capítulo da mercadoria ainda está pouco elaborado. Marx ainda não tinha desenvolvido as relações entre valor e forma de valor, mais ainda, ainda não tinha explicitado as contradições internas ao desenvolvimento da forma de valor. Nesse capítulo ainda manteve toda uma seção de “*Apontamentos históricos para a análise da mercadoria*”. Em *O Capital* é o capítulo

---

<sup>12</sup> Esse aspecto do sistema de crédito não é desenvolvido por Marx em *O Capital*, provavelmente porque os empréstimos pessoais para consumo das famílias eram muito pouco desenvolvidos. Ele faz alguma referência sobre esse tipo de crédito quando trata do capital usurário “Ali onde o trabalhador é confrontado pelas condições de trabalho e o produto do trabalho como capital, como produtor ele não tem que tomar emprestado dinheiro. Onde o toma emprestado, acontece como na casa de penhores, por necessidade pessoal e premente.” (MARX, 1986b, p. 108).

sobre a mercadoria aparece organizado de forma diferente. Nele Marx apresenta teoricamente a gênese do valor e o seu processo de manifestação através do desenvolvimento de suas formas, da simples ou acidental até a forma dinheiro. Desenvolve em seguida toda a teoria do dinheiro e de suas funções como medida do valor/padrão de preços, meio de circulação (a metamorfose das mercadorias, o curso do dinheiro e a moeda, signo de valor) e dinheiro (entesouramento, meio de pagamento e dinheiro mundial).

Aparentemente, termina aí a teoria do dinheiro em Marx. Consideramos que é um ponto de vista equivocado. A teoria do dinheiro continua sendo desenvolvida e reelaborada em todo o restante de *O Capital*. Se inicialmente a forma dinheiro recebe novas determinações em sua conversão em capital, mais adiante, o dinheiro também recebe novas funções em suas determinações como capital, até o ponto em que a forma autônoma do capital monetário adquire as determinações e funções do capital a juros.

Ao final do livro III, nas seções IV e V, Marx volta ao sistema de crédito. Mas, o texto final dos livros II e III foi elaborado a partir das notas dos manuscritos econômicos de 1864-65, por Engels. Podemos supor, desse modo, e pelo método de trabalho de Marx, que essas notas poderiam ter sido reescritas e reelaboradas caso tivessem sido publicadas pelo próprio Marx. De qualquer modo, o conteúdo da seção V de *O Capital* ainda é objeto de novos estudos e elaborações, dentro dos quais destaca-se um interesse crescente nos últimos anos pela categoria do capital fictício.

Após avançar os determinantes desta categoria, Marx volta ao dinheiro, em particular ao dinheiro de crédito na função de meio de circulação. Assim, discute a substituição do dinheiro por diferentes formas de dinheiro de crédito, a contínua substituição do dinheiro de crédito através das compensações bancárias e somente o pagamento final em dinheiro. Todo esse procedimento, em grande parte através de notas e citações dos depoimentos de banqueiros e corretores à Comissão bancária e principalmente à comissão da Câmara dos Lordes.

A comparação entre essas notas do capítulo “o meio de circulação sob o sistema de crédito”, da época de Marx, com o sistema de crédito contemporâneo mostra que os determinantes e fundamentos permanecem os mesmos. Mas, os instrumentos de crédito, a criação de moeda de crédito, o desenvolvimento dos sistemas de informação e até a linguagem foram modificados e, nos dias atuais, aceleraram muito mais a reprodução do capital.

## Referências Bibliográficas

- BENSAID, Daniel. Posfácio à sobre a questão judaica. In: MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 75-119.
- CARCANHOLO, Reinaldo A. O capital especulativo e a desmaterialização do dinheiro. **Revista da SEP**, dezembro de 2001, nº 8, p. 26-45.
- CARCANHOLO, Reinaldo A. Sobre a natureza do dinheiro em Marx. **Revista da SEP**, dezembro de 2002, nº 11, p. 33-37.
- CORAZZA, Gentil – Marx e Keynes sobre dinheiro e economia monetária. **Revista da SEP**, dezembro de 1998, nº 3, p. 45-58.
- CORAZZA, Gentil. O dinheiro como forma do valor. **Revista da SEP**, dezembro de 2002, nº 11, p. 28-32.
- COUTINHO, Maurício. G. O dinheiro no *Capital* e nos *Grundrisse*. In: DE PAULA, João Antonio. (Org.). **O Ensaio Geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 109-116.
- DE DEUS, Leonardo. **Reconstrução categorial de O Capital à luz de seus esboços**. A instauração da crítica da economia política (1857, 1863). 259f. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.
- DE PAULA, João Antonio et al. **Marx in 1869: Notebook B113, The Economist and The Money Market Review**. Belo Horizonte: Cedeplar-UFGM, 2011 (Texto para Discussão do Cedeplar).
- DUSSEL, Enrique. **La producción teórica de Marx**. Un comentario a los Grundrisse. México: Siglo Veintiuno Editores, 4. ed., 2004.
- GERMER, Claus M. – Componentes estruturais da teoria do dinheiro no capitalismo. **Revista da SEP**, 1997, nº 1.
- GERMER, Claus M. O caráter de mercadoria do dinheiro segundo Marx – uma polêmica. **Revista da SEP**, dezembro de 2002, nº 11, p. 5-27.
- KRÄTKE, Michael. R. Le Dernier Marx et le Capital. **Actuel Marx**, n. 37, p. 145-160, 2005.
- MARX, Karl. Extractos sobre la teoría ricardiana do dinheiro/diciembre de 1850. In: **Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) 1857-1858**. V. 3. 13ed. Madri: Siglo Veintiuno Editores, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- MARX, Karl. **Nova gazeta renana**. Tradução de Livia Cotrim. São Paulo: Educ, 2010b.
- MARX, Karl. **Cuadernos de París (Notas de lectura de 1844)**. México: Editorial Itaca, 2011a.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo Editorial; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011b.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Vol. I, Livro Primeiro. 2ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: \_\_\_\_\_. **Para a Crítica da Economia Política. Salário, Preço e Lucro. O Rendimento e suas Fontes**. 2ed. p. 29-132. São Paulo: Nova Cultural, 1986a.

- MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Vol. V, Livro Terceiro. 2ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cartas sobre el capital**. Barcelona: Laia, 1974.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Collected works**. Moscou: Progress, v. 49, 2001.
- MUSTO, Marcello. A formação da crítica de Marx à economia política: dos estudos de 1843 aos Grundrisse. **Crítica Marxista**. São Paulo, n. 33, p. 31-65, 2011.
- PRADO, Eleutério. Da controvérsia brasileira sobre o dinheiro mundial inconvertível. **Revista da SEP**. São Paulo, nº 35, p. 129-152, junho 2013.
- PRADO, Eleutério. From gold money to fictitious money. **Revista de Economia Política**. São Paulo, vol. 36, nº 1 (142), pp. 14-28, January-March/2016.